

A escrita mais próxima da vida: uma política para a pesquisa em Educação

BETINA HILLESHEIM¹

LARISA DA VEIGA VIEIRA BANDEIRA²

CAROLINE DA ROSA COUTO³

Escrever como uma função vital, como falar, comer, necessária para manter viva, a própria vida. Escrever como função vital, como a atenção necessária e cansativa que se precisa ter nas comunidades do Rio de Janeiro, para que a bala perdida não te ache, escrever Sérgio Vaz. Escrever como função vital, para cozinhar lentamente com as palavras, a fome e a morte, escrever Carolina de Jesus. Escrever entre bombardeios, entre ruínas, escrever como a casa indestrutível da memória de Gaza. Escrever com vitalidade, não para funcionar, mas para ocupar-se na escrita com a vida ínfima, a vida pequena de cada um/a, com a vida mínima, íntima e que pensamos ser só nossa, mas que, neste exercício, passa a ser a escrita de mulheres que sobrevivem. Escrever como função vital, função já apreendida pela inteligência artificial, que quer também ser reconhecida como uma forma de vida.

Tentar não digitar, tentar escrever com o punho, com os movimentos que são possíveis somente para os dedos humanos, com a caneta tentando fazer a letra cursiva ser reconhecida. Isso, por si só, já é um atestado, uma prova de vida. Uma prova com inscrição. Ao escrever, tentar emitir corpos reais, em interação efetiva com a criação de mundos. Criar em profusão, com a escrita, este corpo entre os corpos. E que a leitura em intensidade, provoque “ligações elétricas”, que a “cadeia mágica” “que reúne vegetais, pedaços de órgãos, um retalho de roupa, uma imagem de papai, fórmulas e palavras: e não se perguntará o que isso quer dizer, mas que

¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia, professora e pesquisadora do PPGEduc e do Mestrado Profissional em Psicologia (UNISC). E-mail: betinahillesheim@gmail.com

² Doutora em Educação (UFRGS), pós-doutoranda na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: lvvbandeira@gmail.com

³ Doutora em Educação (UNISC), professora do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: rosacouto.c@gmail.com

máquina está assim montada, que fluxos e que cortes se relacionam com outros fluxos e cortes” (Deleuze e Guattari, 2010, p.240).

Diz Deleuze (1995, p. 27): “Acho que se escreve porque algo da vida passa em nós. Qualquer coisa. Escreve-se para a vida.” Escrever para pensar histórias e mundos, não só como quem interpreta, mas como quem as experimenta, as histórias e o mundo. O novo do recomeçar, a vida que insiste no que escapa. Pensar como experimentar o que está, ainda, em vias de se fazer, a partir de um antes, desconhecendo o depois. A novidade que pulsa entre as previsões: morte, guerra, esgotamento - encontro, registro, texto. Escrever mais próximo da vida, para rachar as palavras, “inventar modos de existência, segundo regras facultativas” (Deleuze, 1992, p. 116), para “liberar a vida aí onde ela está aprisionada” (p. 176).

Pensar-experimentar a escrita como agenciamento, talvez. Comunicação direta, sem subordinação, hierarquia ou determinismo. Escrita como agenciamento maquínico, capaz de produzir um processo de diferenciação recíproca (Deleuze e Guattari, 2011), que não esgota, que causa. Escrever para juntar as letras que começam a ter sons, inaugurando as palavras, escrever o começo das coisas, no desregramento do corpo, criando “inutensílios”, escrever Manoel de Barros. Um escrever-criança, que cria mais do que explica. Máquina semiótica, que produz a heterogênesse da própria máquina. Uma tarefa comprometida. Uma escrita mais próxima da vida se compromete em um só sentido: a fuga da representação, da cristalização de modos de ser e viver. Uma escrita mais próxima da vida: processo. Escrever, primeiro, por necessidade: de procurar pela vida e habitar a diferença.

Para Deleuze e Guattari (1995), a realidade é sempre heterogênea, habitada por multiplicidade política, partilhada em linguagem que aglomera diferenças irreduzíveis. Sempre. A realidade é criada, uma cadeia semiótica produzida em forma e conteúdo. Não por um ou outro, mas em composição, algo entre o um, o outro, e as experimentações do mundo. Daí que tomar a escrita como uma necessidade de aproximar a vida, é assumir uma composição política. Uma política de escrita. Que não se compromete em explicar a compreensão da vida, mas em buscar pela vida como operador comum - entre a morte e o esgotamento. Não a vida de um ou de outro, mas a vida humana, heterogênea, a que é impossível de ser

compreendida, reduzida a uma unidade linguística - só como pode ser. Várias línguas em uma língua. Para produzir gagueira.

Escrever para artistar (cf. Corazza, 2012) a pesquisa: escrever como ensaio. “É preciso ensaiar, preparar”, até o ponto de achar fascinante o que estamos tratando (Deleuze, 1995, p. 72). Ensaia a escrita, pois, como coloca Diniz (2024, p. 138), “a alegria é aprendida, ou melhor, exercitada”. Corazza (2012, p. 69), a partir de Barthes, sugere que para que nossas escolhas conceituais passem por nós, é necessária uma conjunção amorosa: que os tomemos como escritos por nós, tornando-lhes outros, “deformando-os por amor”, inspirando-nos a escrever. Trata-se, assim, de um Diferir-Artistar que convoca a outras maneiras de sentir e pensar. Escrever como risco, experimentação.

É preciso ensaiar, portanto. Afinal, “o paradoxo deleuziano, comenta Zizek, é que algo verdadeiramente novo só pode aparecer na repetição” (Garcia, 2012, p. 77). Escrever para esgotar quaisquer pretensões de busca por sentidos ou por estados de coisas: escrever como movimento, mediante uma energia proveniente das operações de desmontagem dos modelos pré-existentes (Tadeu; Corazza, Zordan, 2004).

Escrever para conseguir navegar sobre as furiosas águas que tudo varrem. Escrever para fazer casa (mesmo que provisória). Escrever com migrantes, professoras, crianças, jovens, pessoas que perderam suas casas nas enchentes de maio de 2024, pessoas LGBTQI+ que se encontram nos mais diversos espaços, meninas e mulheres vítimas de violência... Escrever multiplicando, entendendo, como assinalam Tadeu, Corazza e Zordan (2004, p. 10), que “só a pesquisa lhe dá o sentido do seu pesquisar e ela não encontra jamais O sentido da pesquisa que faz”.

Escrever para não submergir na burocracia acadêmica, nos relatórios e textos pré-formatados. Escrever com alegria, entendendo, a partir de Spinoza, que “a alegria é tudo o que consiste em preencher uma potência” (Deleuze, 1995, p. 48). Escrever escovando as palavras, visto que, como aponta Kohan (2012), elas se constituem como estilos de pensamento, tecendo alianças, abrindo e fechando espaços para pensar, travando uma luta de sentidos e significados. “Escrever para além dos trabalhos, provas e semanas acadêmicas, das publicações e das métricas de *Qualis* ou fator de impacto, escrever nos corredores da faculdade, no transporte coletivo, na cantina e no bar, escrever a escrita desmedida, descabida. A escrita sem

medo da nota e da correção, mas ocupada na defesa da vida coletiva”. (Bandeira, 2019, p.172).

Quem escreve se serve de palavras para produzir efeitos através delas. Palavras novas, bonitas, ásperas, escritas como faca, dissolução. Escrever Annie Ernaux. Torcer a linguagem, de modo que as palavras ganhem forças e intensidades variáveis. A escrita registra, também e necessariamente, o inexplicável, o irreduzível, o que sempre pode ser lido de outros modos. Dois irreduzíveis, a escrita e a vida.

Escrever lentamente, como um modo de fazer escorrer as palavras diante de um tempo que clama por produtividade. Escrever de forma hesitante, interrompendo-se, escrever Clarice Lispector. Escrever aos borbotões, sem pausas, devolvendo o espanto, exigindo atenção, escrever Saramago. Escrever por contágio. A escrita é a lança que tentamos segurar enquanto está em movimento, que perfura a palma de nossas mãos enquanto ouvimos o zumbido dela atravessando o ar.

Este texto, portanto, propõe ensaiar uma política de escrita para a pesquisa. Entende-se, assim, que “as escritas das pesquisas compõem uma política, não sendo, portanto, inocentes, neutras ou acessórias” (Hillesheim, Lasta, Somavilla, 2024, p. 9). Deste modo, escreve-se sobre algumas andanças nos territórios da pesquisa, acompanhadas ora por crianças migrantes venezuelanas e haitianas, ora por professoras que vivenciaram as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Um alerta: não se trata de um relatório de pesquisa ou de uma análise de dados, mas de um exercício, um ensaio sobre escrever de outros modos.

Escrever entre as escolas, as águas e os deslocamentos: sobre pesquisadoras enlameadas e caminhanças

Uma pesquisa em que a pesquisadora se aproxima das professoras de Vila Mariante e Muçum, localidades do Rio Grande do Sul que foram tomadas pelas águas das enchentes de maio de 2024. Ao chegar, ela também se mistura, arrastada pelas imagens do que resta, do que sobrevive, do que teima. É preciso escrever. Como não tornar a escrita um relatório neutro, impessoal e frio? Como fazer a vida passar nas nossas pesquisas?

É preciso, pois, escrever. Escrever com lama, ruínas e caos. Escrever com o desaparecimento, com o fantasmagórico, com o esquecimento do Estado. Escrever com o braço do anjo caído, que sobrou do jazigo que foi revirado pela força da água e que permanece deitado sobre o entulho, atestando a fraqueza das ações macropolíticas. Escrever com as vozes que contam as histórias de escolas que desapareceram, vozes que não reproduzem as histórias de superação que muitas vezes as pessoas preferem ouvir.

Escrever com as vozes, com as vidas que procuram existir em outros possíveis mapas nas margens do Rio Taquari. Escrever Rafaela, a professora de Vila Mariante que, em gesto e ecos de outras professoras, fez com os seus alunos e alunas a escuta e a transcrição da vida que se organiza em torno da escola que existe, agora, somente na arqueologia da imagem-lembrança, e para a qual são inventadas e atualizadas possibilidades de outras subjetividades.

Escrever com mães e professoras de Muçum, que medem com um olho a margem do rio que é forte e que quer voltar ao seu berço, e com o outro olho ultrapassam as margens dos seus próprios medos e das ameaças de uma tristeza que engole, e que elas desafiam a cada passo de seus filhos e filhas. Escrever em abrigos e casas provisórias de 27 metros quadrados, sem água encanada ou luz, com roupas doadas, escrever na lama seca que se tornou um concreto no qual se edificam outras vidas, sempre provisórias, contar outras histórias que adiem o fim do mundo.

Escrever Krenak, “estudar a gramática do mato” (Krenak, 2022. p. 65), com a vegetação que insiste em crescer e criar raízes comunicantes, para que a terra não deslize mais, nos lugares nos quais a mão humana insiste em desmatar. Pesquisar, não na falta, mas, na “abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida”, (Krenak, 2020. p.17) em devires minoritários, em uma política que encontre uma navegação possível nos afetos e nos bons encontros do rio com as pessoas, no encontro dos organismos vivos e potentes.

Pesquisar em torno do pão caseiro, amassado pelas mãos cheias de nós, que segue uma receita ancestral e que foi passada oralmente geração após geração. E que reúne as mulheres em torno dele, no calor do fogão a lenha; para contar sobre os modos como removeram a lama de outras enchentes menores, e seguiram vivendo e plantando milho para fazer outro pão que alimenta e que nos faz perguntar: como

cuidamos de nós e da terra que habitamos? A que terra pertencemos? Que tipo de vida potencializamos com os modos de pertencer a terra na margem do rio? Que alianças afetivas, políticas fazemos para seguir vivendo aqui? Seguir escutando e percebendo os sinais, mesmo sem entendê-los, sem tentar decifrá-los, escutar a força criativa de resistência e re-existência destas mulheres, implica argumentos de uma luta por dignidade e vida contra a morte, contra a destruição e o desespero. O pertencimento é também aceitação da potência e dos limites de ali estar; as professoras ensinam que o Rio Taquari, nas três vezes que subiu e carregou com ele parte de suas vidas, estava seguindo seu rumo, entrando em um território que foi invadido, e que era dele, antes de ser delas. E que precisam viver com isso se quiserem continuar ali ou sair.

Pesquisar com o que nos conecta e nos aproxima da vida, com o que espanta, amedronta, e que aponte que “não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras” (Deleuze, 1992, p. 179).

Traçar na pesquisa, os mapas mínimos e afetivos, de pertencimento coletivo das comunidades alagadas de maio de 2024. Mapas móveis e movediços que se alternam e se alertam a cada chuva, mapas que não aderem à lógica dos programas e estratégias territoriais que se apropriam da calamidade e do “cuidado” com as populações que querem invisibilizar. Pesquisar o irreduzível, com as vidas que perturbam o instituído nos programas de reconstrução de “um só Estado”, com a teimosia radical de se reinventar independente da cota de inundação.

Outra pesquisa e pesquisadora se aproximam de crianças migrantes. Escrever com a criança que migra, às vezes sozinha, às vezes acompanhada, com os pés doendo, os olhos curiosos e os sorrisos de recusa - de quem experimenta, às vezes, dizer não. Escrever atravessando fronteiras. Pacaraima. Roraima. Venâncio Aires, município do interior do Rio Grande do Sul. Sul-Sul. A prova de matemática do primeiro dia na escola nova. Escrever com a criança que migra e faz da escola uma casa, da casa uma experiência e da experiência um acontecimento: criar sentido em estar onde sentem que a veem. Escrever singular e comum, a um só tempo. Escrever com a criança que migra para *escrever-criança*, numa *escrita-migrante* - fugir duas vezes, *refugiar-se*, talvez.

Escrever à lápis.

Mas com canetas coloridas também.

Deixar que fique tudo rabiscado.

Escrever como quem escuta uma história. Como quando uma criança migrante conta a sua travessia e conta com ela um tanto dos arranjos do mundo. E dos desarranjos também. Das invenções que sufocam e das que arejam a vida. Escrever para contar histórias também. Para adiar o fim do mundo com Krenak (2020), quem sabe. Ou só para prolongar um pouquinho mais o encontro.

Escrever a educação desde uma ação, de gerar e partilhar memórias, de ensaiar a coexistência. Escrever como gesto de subtração, para fazer vibrar linhas de variação - nas migrações, nas enchentes, nas crises.

Pesquisar nas fissuras do projeto que foi idealizado para a pesquisa, perceber que ele também é móvel e movediço, alterável e alterado pela própria vida, pela complexidade dos encontros, pela passagem de um tempo não acadêmico e produtivo, mas de um tempo rigoroso, que não pode ser abreviado, pois dura o intenso, excessivo e breve instante de um intervalo.

Escrever em língua babélica - só como poderia ser (Skliar, Larrosa, 2001). Escrever a diferença, a alteridade, o exercício de deslocar-se. Escrever como quem não habita uma língua única, certa, maior, mas um escrever-humano: dependente, frágil, miúdo. A condição humana não prescinde da diferença, dos hiatos e dos impossíveis para ser e existir. A diferença é própria da vida. Do movimento que faz vida. Daí que nossas linguagens - ditas e escritas - não podem ser senão babélicas: é a impossibilidade monolinguística que permite a humanidade e que convida a não negar a experiência inquietante e fundamental da alteridade.

Como pensar uma política de escrita e pesquisa? Alguns apontamentos (e nenhuma resposta)

Uma política de escrita na pesquisa implica enlamear-se, deslocar-se, sair dos lugares quentes e confortáveis. Atravessadas pelas leituras, a pesquisa, e a vida das pesquisadoras, procura nos entornos, nas fissuras da escrita e dos encontros com as pessoas e com os autores e autoras escolhidos, a tradução dos modos de pesquisar, “ao embarcar em uma viagem conceitual, para a qual não existe nenhum mapa

prévio, e na qual são forçados a deixar para trás as pesquisas habituais, sem nunca ter certeza sobre o lugar onde irão aportar” (Tadeu, Corazza e Zordan, 2004. p.18). Os intensos períodos de invenção se dão na variação contínua dos conceitos e dos problemas: a pesquisa luta contra um modo dominante de pesquisar. Com os pés fincados nas ruínas que sobram e que não são vistas, de mãos dadas com as crianças deslocadas, as pesquisadoras aprendem a ter forças para voltar à vida.

Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que você sabe mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade do nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que estamos certos de escrever. (Deleuze, 1988, p. 17-18).

Escrever para nos salvarmos da complacência que nos amedronta (Anzaldúa, 2000). Escrever não para representar, mas para, como nos aponta Deleuze (2006), abandonar qualquer representação, em um movimento em que tudo se torna simulacro, isto é, não uma imitação, mas a própria subversão do modelo. Buscar romper “a forma da identidade sob a dupla relação da coisa vista e do sujeito que vê” (Deleuze, 2006, p. 108). Não se trata, assim, de multiplicar perspectivas, pois isso não significa o abandono da ideia de um único centro. Mais do que isso, é necessário que cada perspectiva se dissolva em séries divergentes, constituindo-se como obra autônoma, descentrando-se.

Pensar a escrita como política de pesquisa significa abdicar de qualquer pretensão de neutralidade, constituindo, como propõem Oliveira, Bleinaroth e Silva (2021, p. 24), pesquisas monstruosas que não separam o corpo do chão que se pisa, compondo uma corpografia: “uma escrita do corpo subalterno que viola a atrofia dos caminhos e que lança novas formas de perceber o mundo”.

Deste modo, trata-se de um exercício de minoração: Deleuze e Parnet (1998, p. 56) dizem que a escritura, quando não é oficial, “encontra inevitavelmente *minorias*”, pelas quais se é capturado: escrever é tornar-se, em um movimento de encontro no qual um [que escreve] empurra o outro [a minoria que se constitui ao escrever], traçando linhas de fuga [que fazem o sistema vazar, tal como quando se fura um cano]. Assim, “escrever não tem outra função: ser um fluxo que se conjuga com outros fluxos - todos os devires-minoritários do mundo” (p. 63). Escrever para

fugir, entendendo que fugir é produzir armas e criar possibilidades de vida. Para isso, não se trata de escrever *sobre*, mas escrever *com* (com o mundo, com as pessoas), colocando-se no meio, inventando agenciamentos. Não interpretar, mas experimentar. Tornar-se imperceptível, perdendo sua identidade, evitando as respostas prontas e os binarismos. Escrever para inventar uma língua menor dentro da nossa própria língua, constituindo um devir-minoritário que, ao tornar-se (a criança, o migrante, a professora, as pessoas afetadas pelas enchentes...), cria novas forças. Afinal, existe, na vida, uma falta de jeito, uma fragilidade, que também é a afirmação de uma potência.

O que sobraria se não pudéssemos retorcer a linguagem para a vida, onde a morte também não cessa? Deleuze e Parnet (1992, p. 9) nos provocam: “o objetivo não é responder a questões, é sair delas”. Neste texto, ensaiamos escrever nossas pesquisas pelo meio: no meio da lama, nos arranjos entre pesquisadoras que vagueiam, tateantes, entre escolas, crianças migrantes, professoras de localidades devastadas pelas águas... Trata-se de um pesquisar/escrever balbuciante, incerto, que se deixa arrastar pelos redemoinhos dos encontros que a pesquisa propicia, buscando combinações outras para além dos protocolos acadêmicos.

641

Referências

ANZALDÚA, Glória. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo.” *Estudos Feministas*, p. 229-236, jan./jun. 2000.

BANDEIRA, L.V.V. “Olhai os delírios do Campus”. *Revista Diaphonia*. Toledo/Paraná. Vol.5, nº 1, 2019. P. 168 - 174.

CORAZZA, S. M.. “Para pensar, pesquisar e artistar a educação: sem ensaio não há inspiração”. *Educação*, v. 6, 2012. P. 68-73.

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. . *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol. 2. São Paulo, Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*. Tradução de Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2010.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. 2 ed. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989 (filmado) / 1995 (publicado).

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo. Editora 34. 1992

DELEUZE, G.; GUATTARI, F.. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

DINIZ, D.. *Carta de uma orientadora*. Sobre pesquisa e escrita acadêmica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

GARCIA, W. “A lógica do contágio”. *Educação*, v. 6, p. 74-83, 2012.

HILLESHEIM, B.; LASTA, L.L.; SOMAVILLA, V.E.C. “Escrever como experimentação: sobre os caminhos de uma proposta”. In: HILLESHEIM, B.; LASTA, L.L.; SOMAVILLA, V.E.C. (org.). *Escrita como processo: experimentações*. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 9-12. 2024.

KOHAN, W.O. “O que pode um professor?” *Educação*, v. 6, p. 48-57, 2012.

KRENAK, A. *Futuro Ancestral*. Pesquisa e organização Rita Carelli. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, A. *Caminhos para o bem viver*. 2020.

OLIVEIRA, É. C. S.; BLEINROTH, M. L. M.; SILVA, Y. M.. “Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social”. In: CRUZ, L. R. da; HILLESHEIM, B.; EICHHERR, L. (org.) *Interrogações às políticas públicas: sobre travessias e tessituras do pesquisar*. Florianópolis: Abrapso editora, 2021. p. 13-32.

SKLIAR, Carlos; LARROSA, Jorge. *Babilônios somos*. A modo de apresentação. In:

SKLIAR, Carlos; LARROSA, Jorge. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

Submissão: 26. 06. 2025

/

Aceite: 14. 07. 2025